

## **Antes do fim: identidades e cidadanias descontínuas**

Geralda Medeiros Nóbrega – UEPB/MLI/CNPq

A verdadeira pátria do homem não é o orbe puro que subjogou Platão. Sua verdadeira pátria, à qual sempre regressa ao fim de seus périplos ideais, é esta região intermediária e terrena da alma, este dilacerado território em que vivemos, amamos e sofremos.

Sábato.

Este ensaio se insere num projeto amplo, nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, intitulado "A literatura de velhos: um estudo de obras memorialistas de escritores sul-americanos", em que se estuda a memória de escritores sul-americanos, cujas obras foram escritas a partir dos sessenta anos. Esta literatura de memórias reconfigura representações imaginárias cujo campo simbólico fica no limiar entre ficção e experiências de vida.

As questões de pesquisa, resultantes da problematização do projeto, se voltam para o entendimento de como os escritores viveram e compreenderam seu tempo, assim como conviveram com o entrelaçamento de culturas e como viveram o seu próprio envelhecimento em diferentes contextos. Também se trabalhará a ampliação do imaginário, interligado ao plano estético-literário, e se investigará como se constituem as narrativas identitárias, com ênfase para a escrita de si, quando se manifestam os laivos de cidadania em consonância com as áreas fronteiriças culturais.

Também interessa identificar os tipos sociais que brotam dos compartimentos da memória ou em contextos compartilhados por outros escritores, situação que possibilita averiguar os processos de subjetivação, políticas culturais e os lugares de produção das "verdades sociais", respaldadas pelas narrativas de memórias. Obras como **Galo das trevas**, de Pedro Nava; **Tantos anos**, de Raquel de Queiroz; **Viver para contar** e **Memórias de minhas putas tristes**, de Gabriel Garcia Marquez, entre outras, mostram a velhice num período fértil de produção literária.

Ernesto Sábato, cujo estudo se desenvolve através da obra **Antes do fim**, publicada em Barcelona em 1999, quando o autor, aos 88 anos de idade, pode exemplificar uma produção autoral que enfoca este recorte de geração. É possível, pois, estabelecer um marco sócio-histórico, neste imaginário, aproximando ou distanciando as variadas representações literárias ao mesmo tempo que se chama a atenção para o fato de os escritores considerados velhos não estarem apenas integrados ao passado, como guardiões da memória e/ou da morte. Estes autores e, aqui, enfoco Sábato, para dizer que ele está mergulhado em um presente que, motivado pelo passado, investe em um imaginário do vir-a-ser numa nova historicidade que encaminha a velhice para uma dimensão subjetiva do tempo, que para Sábato assim se manifesta: "Vivemos um tempo em que o futuro parece dilapidado. Mas se o perigo tornou-se nosso destino comum, temos de responder perante aqueles que reclamam nosso cuidado (p.162).

A busca constante de Sábato pela liberdade e solidariedade faz dele um defensor dos fracos e oprimidos, como se pode comprovar: "O escritor deve ser uma testemunha insubordinável do seu tempo, com coragem para dizer a verdade, e rebelar-se contra todo oficialismo que, cegado por seus interesses, perde de vista a sacralidade do ser humano" (p. 56).

#### Reconfigurações das representações sócio-culturais

A memória foi muito valorizada pelas grandes culturas, como resistência ante o devir do tempo [...]: falo da necessidade de atentar para as verdades primordiais.

Sábato

A literatura de memória dá ensejo para aquilatar como se reconfiguram as representações sócio-culturais imaginárias, cujo campo simbólico fica no limiar entre as experiências de vida e a ficção, tomada aqui no sentido dicionarizado, como "simulação", "arte de imaginar", "coisa imaginária". As experiências de vida e a ficção, no entrelaçamento de lembranças e recordações se locupletam num campo vasto de possibilidade, pois a memória sai do campo individual e açambarca espaços outros que representam um caleidoscópio configurado no exato limite entre ciências, arte, literatura e política:

Descobri em Cioran a coerência de um homem autêntico e partilhamos pensamentos de notável semelhança. Como a necessidade de desmistificar o racionalismo que só nos trouxe a miséria e os totalitarismos [...]. Tenho a convicção de que sua dor metafísica teria se atenuado se ele tivesse podido escrever ficção, dado seu caráter catártico, e porque os graves problemas da condição humana não são aptos para a coerência, mas unicamente acessíveis a essa expressão mitopoética, contraditória e paradoxal, como nossa existência (p.118).

Sábato consegue inaugurar um espaço próprio de cidadania e inclusão, destacando cenários da organização social, ao mesmo tempo que adiciona a interlocução política, dialogando, denunciando, incomodando e se fazendo ouvir, brindando o seu leitor com uma obra em que se apresenta como ator social e ator poético. Neste autor é a "imaginação ativista" que dá um futuro a sua ação, o que, na ótica de Bachelard, apreendendo todo o real num movimento dialético, "encontra mais realidade naquilo que se oculta do que naquilo que se mostra" (BACHELARD, 1990, p. 21). O escritor argentino consegue, através da imaginação, metamorfosear a comunidade humana, pois está dedicado ao papel simbólico da linguagem na apreensão das paisagens humanas que atuam como esteio das relações subjetividade/verdade, centradas em valores e crenças compartilhados com os seres que estiveram agregados a sua vida:

Proponho-lhes então, com a gravidade das palavras finais da vida, que nos abracemos em um compromisso: saíamos para os espaços abertos, arrisquemo-nos uns pelos outros, esperemos, ao lado de quem estende os braços, que uma nova onda da história nos erga. Talvez isso já esteja acontecendo, de modo silencioso e subterrâneo, como os brotos que pulsam sob a terra do inverno (p. 164).

O discurso deste escritor é também marcado por uma memória discursiva que concerne a toda uma prática de si que não se detém apenas na rememoração dos momentos passados. Ela reverte para o cuidado de si, cuja forma mais alta está na

velhice que, na esteira de Foucault (2004, p. 134-5), “constituirá o momento positivo, o momento de completude, o cume desta longa prática que acompanhou o indivíduo ou à qual ele teve submeter-se durante toda sua vida”, quando a velhice passa a ser considerada como uma meta positiva da existência (FOUCAULT, 2004, p. 14). O cuidar de si situa-se também num processo de conhecimento de si mesmo para cuidar melhor dos outros, o que já se apresenta como decorrente de um exercício do poder. Foucault (2004) discorrendo sobre este tema associa-o também a uma ação poética ligada a uma perspectiva pedagógica, segundo o modelo dos gregos e latinos na antigüidade clássica. Sábato, na sua preocupação com os jovens, assim se manifesta: “Sim, jovens, deve-se encarar a vida do mundo como uma tarefa própria e sair a defendê-la. É nossa missão” (p. 158).

O autor, a partir do conhecimento de si, estabelece relações consigo mesmo e desenvolve uma escrita de si em que a memória se constitui como uma “reconstrução do passado”, como representação da saudade, da recordação, da lembrança, da rememoração, da evocação. Tudo isso se organiza numa literatura que atua como crítica, como denúncia, como testemunho, passando a ser encarada como um documento do que foi vivido, observado, como experiência e como possibilidade de vivências.

Para Sábato, também, “os anos, as desgraças, as decepções, longe de facilitar o esquecimento, como se costuma pensar, tristemente o reforçam” (p.20). Por isto, expressões ou frases como “lembranças da infância”, “quanta saudade sinto daquele colégio”, “conversas evocando aqueles anos heróicos”, “o escritor deve ser uma testemunha insubordinável do seu tempo”, ficaram como um testemunho de um tempo em crise, “recordei então aquelas montanhas acossado pelas recordações” e muitos outros exemplos que influem o sujeito de uma hermenêutica que na ótica de Foucault (2004, p. 608), neste contexto, dota o “sujeito de uma verdade que ele não conhecia (leia-se encarava) e que não residia nele; trata-se de fazer desta a verdade aprendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberanamente em nós” (p.608).

Este quase-sujeito evidencia-se na idéia do indivíduo como personagem de si mesmo, o que, nos discursos, mobilizam “a sinceridade como valor de verdade”. É como escrita de si que o texto se ordena, rearranja e significa “[...] a escrita de si é uma das práticas culturais que integram um conjunto de novas relações íntimas próprio à sociedade moderna” (GOMES, 2004, p. 16).

Esta escrita de si praticada como memória evidencia-se na idéia do indivíduo como personagem de si mesmo, cujas práticas culturais e cuja credibilidade resultam de novas relações íntimas próprias de vivências e relações de sentimentos e presas pelos sujeitos para si e para os outros. As relações pessoais constroem redes e vínculos que possibilitam posições sociais, culturais e afetivas geridas pelo sujeito no território da memória, o que pode se esbater em meandros utópicos.

A utopia, apontando caminhos:

Proponho-lhes então, com a gravidade das palavras finais da vida, que nos abracemos em um compromisso: saiamos para os espaços abertos, arrisquemo-nos uns pelos outros, esperemos, ao lado de quem estende os braços, que uma nova onda da história nos erga (p. 164).

Numa relação entre memória e verdade sabe-se que não há visibilidade para tudo porque há coisas que se perdem pelo esquecimento, que está associado à memória. Ricoeur (2007, p. 448) faz referências a um esquecimento por apagamento dos rastros, “mas o esquecimento por assim dizer de reserva ou de recurso. O esquecimento designa então o caráter despercebido da perseverança da lembrança, sua subtração e vigilância”.

Não há em Sábato indício de esquecimento, pois a memória individual sobrepõe a si mesma e se expande numa memória coletiva, registrando fatos e acontecimentos, que testemunham variadas formas de arbitrariedade, como desrespeito à vida e desestruturação da cidadania das pessoas e dos povos. O autor testemunha os fatos e o seu texto documenta os acontecimentos que, fora da literatura, não tomaríamos conhecimento dos detalhes. O documentário, no cinema, é gênero marginal pois aparece como vítima da discriminação ideológica que favorecia a ficção. O texto documento, neste contexto, não se submete a esta perspectiva, pois a obra de Sábato está no limiar entre a ficção e a representação da realidade. E a memória, vista como voluntária, se constrói como apreensão de luta política voltada pelos que se vêem excluídos dos direitos à cidadania, rememoração dolorosa de perseguições que implicam até práticas violentas de genocídio, em várias passagens do livro:

Em 1930 ocorreu o primeiro golpe militar, terrível e sanguinário, e foi em reação ao perigo que os movimentos sociais significavam para os militares. A ditadura de Uriburu seria a precursora dos golpes de Estado seguintes sofridos por nosso país (p.49).

[...]

O terrorismo internacional, o horror na Bósnia, o recrudescimento nos conflitos do Oriente Médio e essas chagas na carne do mundo que são as ruas de Calcutá, confirmam que Hannah Arendt tinha razão ao afirmar, já nos anos 50, que a crueldade deste século seria insuperável (p.91).

[...]

Nos anos em que precederam o golpe de Estado de 1976, ocorreram atos de terrorismo que nenhuma comunidade civilizada poderia tolerar [...]. Quando o país amanheceu desse pesadelo, o presidente Alfonsín em sua condição de chefe supremo das Forças Armadas, ordenou aos tribunais militares o indiciamento dos culpados desse horror histórico (p.100).

[...]

O sangue, o horror e a violência questionam a humanidade inteira, e demonstram que não podemos ignorar o sofrimento de nenhum ser humano (p.102).

O contato com o imaginário cultural inaugura um novo dispositivo de linguagem, associado às condições históricas contemporâneas, criando demandas subjetivas que interferem na interpretação simbólica da realidade. O discurso literário, que se propõe simbolizar as permanências/continuidades ou as intermitências discursivas, aponta caminhos para se compreender acontecimentos que interferem no

terreno fértil da arte literária como imagens de vida que se projetam também no futuro, o que o autor sabe lidar com maestria e com isso consegue minorar as lembranças doloridas no plano social e individual. Investir no jovem é entrever o futuro-utópico: "Uma utopia, clara, mas sem utopias nenhum jovem pode viver em uma realidade horrível" (p.51).

A memória do futuro é planejada para desenvolver ações que neutralizem acontecimentos funestos. Stuart-Hamilton (2002, p. 95-6) opina sobre esta memória:

Uma das principais funções da memória não é lembrar o passado, mas planejar o futuro. Em parte, isso significa aprender com as próprias experiências e erros, a fim de lidar melhor com as situações quando elas surgirem da próxima vez. Isso pode ser considerado como parte da sabedoria/inteligência cristalizada. Outro aspecto mais literal é a memória prospectiva ou a capacidade de lembrar-se de fazer algo no futuro (p.95-6).

Sob esta perspectiva, Sábato destaca o professor como:

Símbolo comovente dessa reserva que salvaria o país, se conseguirmos recuperar os valores éticos e espirituais das nossas origens. A educação é o bem menos material que existe, mas o mais decisivo para o futuro de um povo, já que é sua fortaleza espiritual (p.98).

Também a memória prospectiva se volta para uma memória coletiva que se nutre de uma visão crítica e aponta caminhos: "E então me pergunto em que tipo de sociedade vivemos, que democracia temos, onde os corruptos vivem na impunidade e a fome dos povos é considerada subversiva" (p. 102).

A memória localizada no futuro credita um imaginário por onde perpassa a esperança, a crença e o sonho de transformação da realidade: "Ao longo da história, sempre estivemos a ponto de sucumbir, salvamo-nos graças à porção mais desvalida da humanidade. [...] Muitas utopias foram futuras realidades" (p.159).

Levando-se em conta que o autor tem esperanças nos jovens que estão inseridos num espaço de "violência simbólica" de que fala Bourdieu (2002) e é preciso reagir. Segundo Sábato "a verdadeira resistência é a que batalha por valores que se consideram perdidos". E acrescenta: "São milhões os que estão resistindo [...] Você já parou para pensar quantos em todo o país partindo esta fome por dignidade e justiça?" (p.161).

Dirigindo-se aos jovens, o autor os incentiva: "Pense sempre na nobreza desses homens que redimem a humanidade" (p. 165). Sábato, pois, está consciente do que textualiza. E conclama a acatar a utopia como uma forma de se poder existir num mundo incoerente e por isto mesmo tão carente do investimento num futuro que possa acontecer:

Vivemos num tempo em que o futuro parece dilapidado. Mas se o perigo tornou-se nosso destino comum, temos de responder perante aqueles que reclamam nosso cuidado (p.162).

[...]

Pensem sempre na nobreza desses homens que redimem a humanidade. Com sua morte entregam-se o valor supremo da vida,

mostrando-nos que os obstáculos não interrompem a história, lembram-nos de que o homem cabe apenas na utopia (p.165).

Arrematando o já dito

Os prolegômenos de um trabalho, que se pretende posteriormente aprofundá-lo para se haurir do texto de Sábato as várias possibilidades de interpretação, aponta vários caminhos. No que tange à constituição de narrativas identitárias, nas quais as pessoas contam como são e como viveram suas vidas, através de um discurso, permeado pelos significados culturais da velhice, é mister se deter na ênfase dada à escrita de si, como um campo de regularidades para diversas posições de subjetividades.

A memória representada como lembranças, evocações e outras formas de destacar o passado, mostra como Sábato viveu e significou sua vida numa vivência subjetiva do tempo referente ao presente e passado, numa prática semiótica desdobrável em "dialéticas da imaginação", para usar uma expressão de Bachelard (1990).

Homem do seu tempo, Sábato não se contenta apenas em contar sua vida. A sua percepção vai além de uma memória individual e se detém numa memória coletiva, quando expõe o que foi vivido e observado, com destaque para um plano social e político que se insere no campo da história. E assim, desenvolve uma literatura de testemunho, de crítica e de denúncia, quando o seu fazer literário se apresenta como documento. O seu texto traz à tona uma memória prospectiva, pois o autor aponta metas de "chegada ao futuro" com sugestão para atuar-se no mundo conturbado em que se vive, ao mesmo tempo que valorizando a ação do jovem aponta a utopia como a medida eficaz para se restabelecer no mundo o senso da humanidade, que assim como a paz é fruto da justiça. E assim termina a sua obra: "Só quem for capaz de encarnar a utopia estará qualificado para o combate decisivo, o de recuperar o quanto de humanidade houvermos perdido" (p.165).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS REFÊNCIAS

ANTUNES, B. (orgs.). **Memória, literatura e tecnologia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. 114p.

ARCURI, J. G. **Memória corporal**: o simbolismo do corpo na trajetória da vida. São Paulo: Vetor, 2004. 291p.

AVELAR, J. **Alegoria da derrota**: a ficção pós-ditatorial e o trabalho do luto na América Latina. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. 303p.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios de repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990, 25p.

BAUMAN, Z. **Vidas despedaçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 171p.

BERND, Z. e UTÉZA, F. **Produção literária e identidades culturais**: estudos de literatura comparada. Porto Alegre: Sagra, 1997. 230p.

- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. 398p.
- BOBIO, N. **O tempo da memória**. 4. ed. Rio de Janeiro: Campinas, 1997. 210p.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. 556p.
- \_\_\_\_\_. **A produção da crença: contribuições para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2002. 219p.
- \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. 234p.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 322p.
- BRESCIANI, S; NAXARA M. (orgs) **Memória e (res)sentimento: indagação sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004. 554p.
- BRITTON, R. **Crença e imaginação**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. 312p.
- CARRETERO, M; ROSA, A; GONZÁLEZ, M. F. (orgs). **Ensaio da história e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 296p.
- CHAVES, R. e MACÊDO, T. (orgs.). **Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003. 252p.
- COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. 303p.
- DEBERT, G. G. **A reivindicação da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2004. 268p.
- FACINA, A. **Literatura & sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 56p.
- FERRÉ, A. M; MATALI, A. **A América latina do século XXI**. Petrópoles: Vozes, 2006. 216p.
- FONTENILLE, J. & ZILBERBERG, C. **Tensão e significação**. São Paulo: Discursos editorial: Humanitas/FELCH/USP, 2001. 332p.
- \_\_\_\_\_. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2007. 286p.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 680p.
- \_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 79p.
- \_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 239p.
- \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V.) 232p.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. v. 1. 155p.

- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade:** o uso dos prazeres. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. V.1. 155p.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** 14. ed. Rio de Janeiro: Geral, 1999. 295p.
- \_\_\_\_\_. **O que é um autor?** 3. ed. Lisboa: Vega, 1992.161p.
- \_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do collége de France:** (1970-1982) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 134p.
- \_\_\_\_\_. **Segurança, território, popularidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2008. 572p.
- \_\_\_\_\_. **Vigiar e punir.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 262p.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989. 323p.
- GOMES, A. de C. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: Editora FGU, 2004. 380p.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990. 189p.
- HALL, S. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003. 434p.
- \_\_\_\_\_. **Identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERMANT, G. **O corpo e sua memória.** São Paulo: Manoel, 1988. 346p.
- HILL, T. **Homem, cultura e sociedade.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 128p.
- LE GOFF, J. **História e memória.** 5. ed. Campinas: Ed. de UNICAMP, 2003. 541p.
- LEIBING, A; BENNINGHOFF-LUHL, S. (orgs). **Devorando o tempo:** Brasil, o país sem memória, São Paulo: Mandarin, 2001. 302p.
- LUCENA, C. T; GUSMÃO, N. M. M. de. **Discutindo identidade.** São Paulo: Humanitas/CERU, 2006.287p.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005a. 350p.
- \_\_\_\_\_. **O conhecimento comum:** introdução à sociologia compreensiva. Porto Alegre: Sulema, 2007a. 295p.
- \_\_\_\_\_. **O elogio da razão sensível.** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005b. 350p.
- MAINGUENEAU, D. **Gênero dos discursos.** Curitiba, 2006. 331p.
- MÁRQUEZ, G. G. **Memória de minhas putas tristes.** Rio de Janeiro: Record, 2005. 128p.
- \_\_\_\_\_. **Viver para contar.** Rio de Janeiro: Record, 2003. 476p.



- NARZARO-PARISOLI, M. M. **Pensar o corpo**. Petrópolis: Vozes, 2004. 240p.
- NATTELART, A. **Diversidade cultural e mundialização**. São Paulo: Parábola, 2005. 168p.
- NAVA, P. **Galo-das-trevas: (as doze velas importantes)**. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003. 490p.
- NAZMANOVICH, D. **O sujeito encarnado**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 136p.
- PETERSON, M. (org.). **As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura**. Porto Alegre: Sagra, 2000. 351p.
- QUEIROZ, R. de. **Tantos anos**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.264p.
- RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007, 536p.
- RORTY, R. **Contingências, ironia e solidariedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 332p.
- SÁBATO, E. **Antes do fim: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.160p.
- SELIGMANN-SILVA, M. (org.) **História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Ed, da UNICAMP, 2003. 557p.
- SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida**. Porto Alegre: LP & M, 2008. 88p.
- SILVA, T. T. da (orgs.) HALL, S; WOOWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. 135p.
- TORO, J. B. **A construção do público: cidadania, democracia e participação**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Rio, 2005. 112p.
- TOURAINÉ, A. **Igualdade e diversidade: o sujeito democrático**. Bauru: EDUSC, 1998. 110p.
- STUART-HAMILTON, J. **A psicologia do envelhecimento: uma introdução**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 208p.